

O DESPERTAR
Leo Valle

Helena, 23 anos, é uma jovem jornalista recém-formada que vive sozinha na pequena cidade de Niarandu, interior do Paraná. Desde a morte da mãe, três anos antes, e do desaparecimento do irmão mais velho, Alexandre, ela tenta se equilibrar entre trabalhos como freelancer para um canal de YouTube e a sensação constante de fracasso. Seu único apoio afetivo é Vinícius, melhor amigo, colega de faculdade e parceiro de trabalho, um cameraman idealista que sonha em um grande furo jornalístico e nutre um amor aparentemente não correspondido por ela.

Começamos acompanhando os dois em mais uma pauta pouco empolgante, em que eles fazem uma reportagem sobre um local abandonado, afastado da área urbana, que dizem ser assombrado. Moradores afirmam que o lugar emite sons estranhos e assustadores, e que nenhuma benfeitoria prospera por ali, ficando constantemente abandonado. O que se descobre ao longo da trama é que ali foi um antigo altar guarani ligado a um fenômeno sobrenatural mais antigo que os próprios povos indígenas que se instalaram na região. Ali, discretamente, surgem líquens de formas geométricas que conectam o mundo humano a uma entidade cósmica do Tempo.

Após uma gravação frustrante, Helena visita o túmulo da mãe, no cemitério da cidade, para reverenciar o aniversário de sua morte e elaborar, sozinha, uma conversa introspectiva sobre sua vida emperrada. Na volta para casa, já anoitecendo, ela é surpreendida pelo reaparecimento do irmão, Alexandre, cinco anos depois de sumir sem qualquer contato. Ele está abatido, com sinais claros de transtorno mental, paranoico e atormentado, mas carrega consigo algo que trata como um tesouro, um livro antigo, escrito em diversas línguas e repleto de símbolos, o Hekaten Tomo.

Alexandre garante à irmã que aquele livro é capaz de mudar tudo, que nele estão segredos sobre o Tempo e um ritual que pode desfazer dores do passado. Cética, ressentida pelo abandono do irmão e por ter enfrentado sozinha a doença terminal da mãe, Helena o confronta com dureza. Aos poucos, entre surtos e lapsos de lucidez, Alexandre revela que esteve envolvido com um culto esotérico, liderado por uma mulher enigmática chamada Olivia, e que fugiu levando o livro sagrado.

Quando Helena ameaça expulsá-lo de casa, ele decide provar, a qualquer custo, que o Hekaten Tomo é real. Utilizando um líquen geométrico ressecado, guardado entre as páginas, símbolos desenhados à mão e um cântico em língua desconhecida, Alexandre realiza um ritual descrito no livro. Inconformada com o modo como ele recita o texto, Helena toma o livro e é ela quem pronuncia, palavra por palavra, o cântico ali inscrito. Os dois são sugados para uma experiência de deslocamento temporal e se veem no mesmo local, mas quinze anos no passado.

Eles se deparam com sua própria família mais jovem. O grito da mãe chamando ecoa ao longe, e a voz da Helena de dez anos responde. À frente dos irmãos, a versão infantil de Alexandre os encara, apavorada. Emocionado, Alexandre adulto tenta tocar sua própria versão criança, gesto que, sem que ele percebesse na época, se tornaria a origem traumática de seus surtos. O colapso emocional do irmão nesse encontro ecoa de volta ao presente; a viagem termina como se fosse um pesadelo, mas Helena não consegue mais tratar o livro como simples delírio.

Enquanto isso, Vinícius vive outra pressão. O chefe Ralph ameaça demitir a dupla se eles não entregarem, rapidamente, matérias mais atraentes para o público. Ele sugere conteúdos mais seguros e bons de engajamento, como uma matéria sobre a cápsula do tempo enterrada pela prefeitura anos antes. Vinícius decide poupar Helena desse peso, escondendo o ultimato e se comprometendo, sozinho, a

encontrar pautas melhores. Quando ela comenta, por alto, que o irmão voltou estranho e trouxe um livro bizarro, Vinícius prefere se manter cético e insiste para que ela se concentre no trabalho.

Determinada a entender o que presenciou, Helena começa a fotografar páginas do Hekaten Tomo com o celular, ignorando a resistência de Alexandre em expor o livro. Com esse material, pede ajuda a Vinícius. O amigo recebe as imagens e inicia uma investigação pela internet em busca de qualquer pista sobre os idiomas, símbolos ou história do objeto. Em paralelo, Helena, preocupada com a saúde mental do irmão, procura o padre Vicente, pároco da cidade e única referência de atendimento psicológico acessível, conhecido por ser culto e muito presente na vida da comunidade, especialmente durante a doença de sua mãe.

Oficialmente, ela vai pedir orientação sobre esquizofrenia e apoio espiritual para o irmão, mas, de forma quase casual, cita a existência de um livro estranho. O padre evita se comprometer com o assunto, mas a menção aciona em sua memória referências dispersas que ele já lera em textos obscuros sobre lendas antigas e manuscritos não oficiais da tradição cristã.

Do outro lado da trama, apresentamos Olivia e seu grupo, o Culto do Despertar. Em um templo isolado, afastado de Niarandu, Olivia supervisiona o cultivo de líquens em pedras e troncos, tratando esses fungos como sacramento. Descobrimos que o culto orbita a figura de um ser chamado “Jamshid” e de um ritual de grande escala, o Despertar do Tempo. Quando um dos acólitos percebe que um dos núcleos de líquens foi saqueado e que o livro desapareceu, Olivia entende que seu plano milimetricamente preparado está ameaçado, pois alguém fugiu levando seu material sagrado e a única chave de devoção plena a Jamshid.

A investigação de Vinícius, feita em fóruns, blogs e zonas mais obscuras da internet, leva a resultados inquietantes. Usando as fotos do livro, ele recebe respostas anônimas que associam o símbolo da capa a pequenos cultos espalhados pelo mundo, sempre ligados a ideias caóticas relacionadas ao Tempo, viagem temporal e sacrifícios. Um dos contatos se mostra especialmente informado, descrevendo o Hekaten Tomo como um compêndio de relatos milenares, colhidos entre diferentes povos, que registrariam visões e rituais ligados a uma única força cósmica. Para Vinícius, é um excelente material para uma matéria. Para Helena, é a confirmação de que está mexendo com algo maior do que a própria carreira.

A tensão cresce. Helena pressiona Alexandre a contar a verdade sobre sua fuga, sobre o culto e sobre Olivia. Ele, em flashbacks, revela como foi seduzido pelo grupo, pela promessa de que as vozes em sua cabeça seriam compreendidas em vez de silenciadas, e como Olivia transformou sua fragilidade em ferramenta. Narra o dia em que presenciou um ritual de punição, quando Olivia causou a execução de Sofia, uma ex-membro que quase foi escolhida como Oradora, mas se tornou ameaça ao poder da líder. Esses relatos ampliam o horror em torno do livro e do culto, revelando não apenas superstição, mas um sistema fechado de fé, poder e violência.

Sem respostas satisfatórias sobre a origem de uma frase enigmática escrita com sua própria caligrafia em uma das páginas, “A memória é apenas uma curva no rio do tempo”, acompanhada de uma palavra em guarani, que se assemelha a “Oradora”, Helena decide montar um painel investigativo na sala. Ela imprime as páginas fotografadas, recorta símbolos, sublinha trechos e organiza tudo em uma espécie de mapa visual, em que linhas conectam mitos sumérios, rituais persas e inscrições guaranis. Essa visualização lhe permite formar hipóteses, como a de que o livro não é linear, mas um mosaico de relatos que, quando ordenados, descrevem

um ritual maior; há referências a uma figura chamada Oradora; e, entre símbolos que remetem a povos diferentes, alguns grafismos se aproximam da estética indígena local.

Após relatar suas lembranças e retomar as vivências que teve durante sua estadia no culto, Alexandre começa a perceber as possíveis consequências de seus atos. A frase deixada no livro e a página específica em que ela aparece fazem-no reviver o ritual em que Sofia foi sacrificada. Olivia era obcecada em ser a Oradora do Despertar e sacrificaria qualquer concorrente. Tomado pela culpa e pela sensação de que o livro atrai o olhar de Jamshid para Helena, ele conclui que a presença do Hekaten Tomo naquela casa torna a irmã um alvo.

Em uma noite, enquanto Helena dorme, Alexandre pega o livro de volta e abandona, pela segunda vez, sua única família, fugindo com o Hekaten Tomo na esperança de afastar o perigo de Niarandu. Na fuga, é abordado pelos antigos colegas de culto acompanhados de Olivia. Ela o humilha, retoma o livro sagrado e, por um lapso ou efeito de surto psicológico, Alexandre revela que a verdadeira Oradora seria Helena, pois o livro disse. Alexandre é levado cativo para aguardar o dia de seu sacrifício. Olivia, novamente de posse do Hekaten Tomo, decide procurar pela tal irmã. Helena, ao acordar, descobre que o irmão desapareceu mais uma vez, restando-lhe apenas as fotos das páginas já registradas no celular e o painel investigativo que montou.

Ao mesmo tempo, o padre Vicente passa a ser observado discretamente por alguns membros do culto. Ele nota figuras estranhas acompanhando sua rotina – na missa, na feira, no café, na esquina, sempre com roupas discretas, mas marcadas por insígnias que o inquietam. Quando um deles finalmente se apresenta, é Silas, ex-companheiro de Alexandre no culto, agora em posição ambígua: ao mesmo tempo braço direito de Olivia e possível sabotador de seus planos. O padre, que já pesquisava temas esotéricos por curiosidade acadêmica, cruza as informações trazidas por Silas, ainda que de forma disfarçada, com registros antigos que possui em sua biblioteca pessoal e encontra, em manuscritos dispersos, o nome “Hekaten Tomo” associado a Zurvan, um deus persa ligado ao Tempo.

Pressionada pela sensação de perigo, Helena procura novamente o padre, agora mais direta. Ela quer saber se existem relatos históricos sobre um livro que cruza culturas, sobre líquens sagrados ou sobre uma entidade do Tempo. Vicente, dividido entre o dever pastoral e a curiosidade de pesquisador, revela parte de seu conhecimento. Explica que alguns textos teológicos marginalizados falam de um “diário do Tempo”, escrito ao longo de milênios por indivíduos que tiveram contato com uma mesma presença cósmica, embora a Igreja tenha relegado tudo ao campo do folclore ou da heresia. Ao perceber, nos papéis de Helena, símbolos idênticos aos que já viu em gravuras antigas, ele se assusta e tenta recuar, recomendando que ela “não brinque com isso” e procure retomar sua vida normal.

Essa tentativa de contenção vem tarde demais. Olivia decide agir diretamente. Em uma tarde, Helena, exausta e cercada de papéis, é despertada por um barulho em casa. Quando se dá conta, uma mulher alta, de postura imponente e roupas de grife marcadas por discretos símbolos tatuados, está dentro de sua sala, examinando-a enquanto o painel investigativo está destruído e espalhado pelo chão.

Olivia se apresenta sem rodeios. Deixa claro que o livro jamais deveria ter saído do culto. Mostrando que já retomara a posse física do Hekaten Tomo, ela insinua que Alexandre já pagou o preço por sua traição e que Helena só terá uma chance de esquecer tudo. Ao usar termos como “Oradora” e falar do Despertar do Tempo com frieza, Olivia revela que Helena é mais do que uma curiosa, é uma

ameaça potencial à posição que reivindica no ritual. Antes de sair, deixa implícito que, se Helena insistir na investigação, será eliminada.

Pouco depois da visita de Olivia, o padre Vicente entra na casa, tendo esperado do lado de fora até confirmar que a estranha havia ido embora. Ele encontra Helena em choque, ajuda-a a se recompor e, desta vez, rompe parte de sua barreira. Admite que conhece o nome Hekaten Tomo, que já encontrou referências ao ritual de Despertar do Tempo e a uma entidade que adormece para que a realidade como conhecemos possa existir. Conta à jovem, em termos teológicos, que alguns povos identificam essa entidade com figuras como Zurvan ou Nhanderu, e que, se um dia ela acordar, a estrutura do tempo pode colapsar. Para ele, tudo isso sempre foi metáfora. Para Helena, que já viajou no tempo com o irmão, é apenas a confirmação de que o perigo é real.

Enquanto Helena se afunda na obsessão investigativa, Vinícius é obrigado a seguir com outra equipe para não perder o emprego. Ele tenta se afastar da amiga, julgando que ela está entrando em espirais paranoicas sem provas concretas. Quando finalmente confessa que Ralph ameaçou demiti-los e que, por isso, precisava priorizar a cápsula do tempo e outras pautas, Helena se sente traída. Interpreta a ausência do amigo como mais um abandono em um momento em que a própria vida está em risco.

Isolada, em conflito com Vinícius, sem o apoio pleno do padre e novamente abandonada pelo irmão, Helena impulsivamente decide avançar sozinha. Usando a lógica construída no painel que sobreviveu à invasão de Olivia, ela identifica que as referências aos líquens e a determinadas constelações de símbolos convergem para um lugar específico, o antigo altar guarani que visitou na primeira reportagem. Ao mesmo tempo, as anotações em guarani no livro parecem ecoar a frase gravada na lápide da mãe “A memória é apenas uma curva no rio do tempo” e sugerem que aquele local é um dos pontos onde o Tempo se manifesta por meio dos fungos. Convencida de que precisa ir até lá para entender o ritual e, talvez, encontrar uma forma de salvar Alexandre, Helena procura o padre mais uma vez, à noite, na igreja vazia.

Nesse encontro decisivo, ela escancara tudo: a viagem no tempo que fez com o irmão, a mensagem escrita com sua própria caligrafia em uma página que não lembra ter tocado, as ameaças de Olivia e o medo de se tornar peça em um jogo cósmico que não compreende. Vicente tenta racionalizar, mas começa a ver, nos papéis de Helena, uma coerência assustadora. Ele traça paralelos entre a construção fragmentária do Hekaten Tomo e a Bíblia, textos de épocas e culturas diferentes reunidos em torno de uma experiência de fé. A diferença, aqui, é que a entidade por trás das escrituras parece estar reagindo concretamente na vida da jovem.

Antes que possam chegar a qualquer resolução, a igreja é invadida. Cultistas derrubam o padre, deixam-no desacordado e levam Helena à força.

A sequência seguinte desloca a ação para o antigo altar guarani, hoje o tal local abandonado abordado na última reportagem gravada por Helena. Amarrada diante de um círculo de pedras, rodeada por inscrições indígenas e líquens que brilham tenuemente, Helena é posicionada como protagonista involuntária de uma liturgia brutal e mortal. Olivia, com o Hekaten Tomo em mãos, conduz o culto, recita passagens do livro, reafirma para seus seguidores que apenas ela é a legítima Oradora do Despertar e que qualquer outra candidata deve ser sacrificada, numa cena que rima diretamente com o relato do sacrifício de Sofia. Ao mesmo tempo em que ameaça Helena, ela esclarece questões centrais da mitologia, a função da

Oradora, a promessa de poder de manipular o Tempo, a relação entre o livro e diferentes povos. Este ritual é o clímax conceitual da temporada.

Em paralelo, Vinícius finaliza a gravação da matéria da cápsula do tempo, deixando claro que ela não deu certo, pois escavaram o local errado, quando é abordado por alguém que o chama pelo nome. O homem é Alexandre, mas diferente, está mais velho, marcado pela experiência, vindo de um futuro que ainda não vimos. Ele está desesperado e quer saber onde Helena está. A princípio, Vinícius acha tratar-se de outro surto, mas as informações que esse Alexandre traz sobre a investigação, sobre o culto e sobre o altar o convencem de que algo grave está em curso. Juntos, eles correm primeiro até a igreja, encontram o padre ferido e, a partir das pistas deixadas por Helena, decidem ir ao altar.

No ápice da trama, o Alexandre vindo do futuro e Vinícius interrompem o ritual no momento em que Olivia se prepara para matar Helena como prova de que nem o futuro a salvará. A confusão se instala, cultistas tentam contê-los, Vinícius consegue se apoderar, por alguns segundos, do Hekaten Tomo e o arremessa ao fogo sagrado do altar, destruindo materialmente o livro que motivou todo o conflito.

Olivia, em surto de ódio, desfere um golpe fatal em Alexandre diante da irmã. Silas, dividido, ajuda a retirar a líder ferida do local, enquanto os demais seguidores recuam, atônitos por verem a obra sagrada em chamas. Helena é liberta, corre até o corpo do irmão e o abraça, impotente. O som da mata, dos insetos e da água contrasta com o choro dela, encerrando o segundo ato com a perda dessa versão de Alexandre que buscava protegê-la. Aqui, Helena ainda não entende como uma versão do futuro, enquanto o paradeiro do Alexandre original permanece envolto em mistério.

O epílogo salta um ano no tempo. Helena tenta reconstruir a vida. Em uma visita conjunta ao túmulo de Alexandre, ao lado de Vinícius, ela revela que começou um tratamento psiquiátrico por indicação do padre, que os pesadelos e alucinações diminuíram, mas que a sensação de que algo ficou aberto permanece. O livro, em sua forma física, foi destruído naquele dia; Olivia e o culto desapareceram, talvez reorganizando-se em outro lugar.

Helena reatou a parceria com Vinícius no trabalho jornalístico e conseguiu, enfim, produzir uma matéria realmente relevante, uma reportagem profunda sobre o altar guarani, conectando lenda, memória indígena e a própria experiência traumática, narrada ao público como um sequestro e tentativa de homicídio, nunca como ritual sobrenatural. Essa matéria, de grande repercussão local, garante à dupla um novo contrato com o canal e oferece à protagonista uma primeira sensação de estabilidade profissional.

O padre Vicente, por sua vez, escolhe se afastar das pesquisas esotéricas. Perturbado pelo que viu, ele se agarra com força renovada à fé cristã, tentando interpretar tudo como tentação ou provação. Ainda assim, pequenos detalhes indicam que ele não conseguiu abandonar completamente o Hekaten Tomo. Em sua mesa, entre livros de teologia, vemos cadernos com símbolos rabiscados, anotações sobre Zurvan e referências cruzadas com termos guaranis. Sua crise silenciosa de fé e conhecimento prepara, em segundo plano, sua jornada futura.

De volta ao altar guarani, em um dia de nostalgia e reverência, Helena e Vinícius caminham entre as pedras, observando os resquícios do que viveram. Ele recebe uma ligação de Ralph elogiando a repercussão das matérias recentes, sinalizando que eles estão no caminho certo. Enquanto Vinícius se afasta alguns metros para falar ao telefone, Helena permanece sozinha no círculo de pedras, rememorando e contemplando.

É nesse momento que um homem estranho, de aparência anacrônica, roupas que evocam outra época e um pingente inconfundível no pescoço surge diante dela. Helena o reconhece sem nunca tê-lo visto. Ele é Jamshid, o Persa, figura que até então existia apenas como mito nas páginas do Hekaten Tomo. Ele não precisa se apresentar. Com uma calma perturbadora, afirma que o livro nunca deixou de existir enquanto seu conteúdo estiver guardado na memória de alguém e lembra Helena de que, antes da destruição física do objeto, ela fotografou todas as páginas com o celular.

Jamshid então entrega a ela uma foto polaroide com uma imagem de Alexandre vivo, em um lugar que Helena não identifica, com uma mensagem escrita em guarani pedindo ajuda. O Persa insinua que o irmão pode ser resgatado e que, para isso, Helena terá de retomar o estudo do livro e aceitar seu papel no Despertar. Antes que Vinícius volte, Jamshid desaparece.

A primeira temporada se encerra com Helena encarando a foto e, em seguida, abrindo a galeria do celular para revelar que, mesmo tentando apagar tudo, ainda guarda um arquivo completo das páginas do Hekaten Tomo. O conflito principal desta etapa, a disputa em torno do livro físico e a ameaça imediata do culto de Olivia, está resolvido, mas o gancho para as próximas temporadas se estabelece. A origem da mensagem escrita com a própria caligrafia de Helena no livro, o verdadeiro papel de Jamshid e o destino de Alexandre no tempo serão os motores da próxima fase da série, em que a protagonista terá de confrontar não apenas o passado, mas as regras da própria realidade.